

## EDUCAÇÃO SEXUAL NO ÂMBITO FAMILIAR E ESCOLAR.

### SEX EDUCATION IN THE FAMILY AND SCHOOL ENVIRONMENT

<sup>1</sup>BRANDI, O. L.; <sup>2</sup>PENA, G. L. P.; <sup>3</sup>ANDRADE, L. S

<sup>1e3</sup>Curso de Enfermagem – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-  
Unifio/FEMM

#### RESUMO

O presente estudo teve como principal objetivo compreender sobre as dificuldades na fase de transição da adolescência para a fase adulta. Sendo assim, o trabalho irá explanar as dificuldades em meio à família e à escola, que são as principais fontes de conhecimento e convívio para os adolescentes, b fase da sexualidade, mas que também existem doenças físicas, entre elas: sífilis, gonorreia, HIV entre outras, as quais podem pôr em risco os nossos adolescentes. Esse tipo de conscientização é importante para que esses adolescentes não se sintam constrangidos de se sentirem curiosos quanto ao tema, e que aceitem sua sexualidade e desejos.

**Palavras-chave:** Educação; Escola; Família; Sexualidade

#### ABSTRACT

The current study had as its main objective understanding the difficulties in the transitional phase between adolescence and the adult phase. Thus, the work explains the difficulties within the family and the school communities, which are the main sources of knowledge and interaction for teenagers, showing the importance of the knowledge about sexuality so they can live a safer sex life. This work also aims at showing that the sexuality phase is not only affected by social problems, but may also be affected by diseases, such as: syphilis, gonorrhoea, HIV, and others that can put their lives at risk. This kind of awareness is important so that the teenagers do not feel embarrassed when feeling curious about the topic and become able to accept their sexuality and desires.

**Keywords:** Education; Family; Sexuality; School.

#### INTRODUÇÃO

A adolescência é um período do desenvolvimento humano marcada por intensas transformações biopsicossociais que são estimuladas pela ação hormonal, característico da puberdade. A adolescência constitui uma fase de transição entre a infância e a condição de adulto, em que se observa um acentuado amadurecimento corporal, significativas transformações emocionais, construção de novas relações interpessoais, manifestações de novos sentimentos, atitudes, decisões, as quais resultam na construção de uma identidade própria (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Art. 2º da *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Considera-se criança, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

Na fase da adolescência, entre as inúmeras mudanças que se apresentam, evidenciam-se aquelas relacionadas a sexualidade.

Educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. (SOUZA, 1991)

Dessa forma, reconheceu-se que a sexualidade é constitutiva dos sujeitos desde a infância e, portanto, a escola foi considerada local privilegiado para políticas e projetos que garantam os direitos reprodutivos e sexuais de seus alunos no âmbito da educação (GAVA; VILLELA, 2016; GESSER; OLTRAMARI; PANISSON, 2015).

Segundo a psicóloga e doutora Mary Neide Figueiró, a educação sexual é o inverso da erotização da criança. Ela tem a finalidade de levar informação e conhecimento sobre tudo o que diz respeito ao corpo, para que as pessoas entendam de onde vieram.

Até então, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional foi publicada em 1996 e não define parâmetros para a educação sexual. O Ministério da Educação ainda afirma que as redes estaduais e municipais têm autonomia para definir quais e como os temas devem ser apresentados aos estudantes.

Como afirma Parker (1991), "cada vez mais, a sexualidade tem sido tema de discussão e debate não apenas na sociedade brasileira e sua importância fica ainda mais pronunciada quando controvérsias sobre o aborto, os direitos das minorias sexuais e, mais recentemente, a alarmante propagação da AIDS se colocaram no centro das atenções pública na vida contemporânea".

Para Tiba (1986), é inegável que essas experiências produziram adultos de um tipo especial, que se consideram psicologizados, pois levam em conta que nem sempre as relações humanas obedecem a regras sociais; muitas vezes elas são movidas por desejos. Querem que os filhos sejam mais felizes do que eles próprios, mas não estão seguros de como transmitir isso.

A questão da sexualidade mudou tão rapidamente, nas últimas décadas, que deixou os pais meio perdidos. Antigamente as famílias não tinham muitas dúvidas em saber o que era certo ou errado; o que podiam permitir ou não. Hoje vivemos um momento difícil para a construção de um sistema de valores sexuais. (SUPLICY, 1991).

Existe uma tendência na diminuição da idade da primeira relação sexual. No Brasil, a idade média é de 16 anos e 9 meses para meninas e 15 anos para os meninos, sendo que essa iniciação precoce não vem acompanhada de cuidados com a anticoncepção. Segundo esses autores, 26% da população feminina de 15 a 24

anos já viveu uma gravidez, sendo que a mesma foi indesejada para 40% dessas jovens. (LOPES; MAIA, 1993).

## **METODOLOGIA**

Refere-se a uma pesquisa bibliográfica onde objetivou-se buscar artigos, revistas e documentos que revelassem os problemas encontrados na educação sexual no contexto familiar e escolar, de forma a contribuir para mostrar a dificuldade que os adolescentes encontram para ter uma educação sem julgamento e livre, assim podendo aprender sobre os riscos encontrados na vida sexual.

Baseando-se em artigos científicos de plataformas acadêmicas como: Scielo, Google Acadêmico e revistas da área, foram pré-selecionados 20 artigos relacionados ao tema, publicado nas últimas décadas, de forma a analisar e avaliar os métodos e dificuldades encontradas na educação sexual dos sendo nas escolas, ou no âmbito familiar

## **DESENVOLVIMENTO**

A sexualidade pode ser entendida como um processo que desenvolve ao longo das relações sociais, influenciada pela aprendizagem, vivências sociais e culturais (LOURO, 2008), e pode referir-se ao prazer e a qualidade de vida. Originalmente, o processo de educação sexual era feito de forma informal, baseado nas relações com o ambiente, com referência à família, cultura e conversa com colegas e amigos, e quando caracterizado como formal, era caracterizado como prática docente, nas escolas e instituições sociais (FIGUEIRÓ, 2010; FURLANI, 2011a).

Almeida e Centa (2009) apontaram que a comunicação da família com os adolescentes, embora difícil e conflitante, deve ser sempre motivadora, pois as crianças querem e precisam mais de informações nessa fase. Os autores sugerem que a relação entre pais e filhos adolescentes é um momento único que deve ser aproveitado a cada minuto, pois é nesse contato que muitas vezes ocorre a compreensão dos valores ao longo da vida.

Na adolescência, além das alterações biopsicossociais, inicia-se a participação ativa do jovem na sociedade e mesmo que não haja um conhecimento sobre as consequências das atitudes por conta da imaturidade, é o início dos desejos e descobertas sobre o início da vida adulta. Os adolescentes, absorvem e expressam

os comportamentos visando às crenças, valores e costumes apreendidos nas relações familiares e também ao observar e vivenciar a vida junto a sociedade, interferindo na forma como se comportará diante de situações de saúde e ou de doença; sendo assim, toda a experiência vivenciada e absorvida em meio aos ideais em sociedade, irão moldar e gerar impacto em uma vida futura. (MAIA *et al.*, 2013).

Outros problemas encontrados no amadurecimento da adolescência, que esta preste a mudar para vida adulta, são as Infecções sexualmente transmissíveis (IST's). Segundo o site de notícias da Folha de São Paulo, um levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que o uso do preservativo nas relações sexuais entre adolescentes diminuiu na última década. De acordo com dados publicados, apenas 59% dos jovens entrevistados na edição de 2019 da pesquisa "PeNSE" disseram ter usado preservativo na última relação sexual. Em 2009, essa proporção atingiu 72,5%. Entre as meninas, diminuiu de 69,1% para 53,5%, e entre os meninos, de 74,1% para 62,8%. A pesquisa comparou as respostas dos alunos da 9ª série (antiga 8ª série) do ensino fundamental de escolas públicas e privadas da capital brasileira. Enquanto isso, a porcentagem de adolescentes que disseram ter feito sexo aumentou de 27,9% em 2009 para 28,5% em 2019. A proporção de meninos diminuiu (de 40,2% para 34,6%) e a proporção de meninas aumentou (de 16,9% para 22,6%).

O desenvolvimento das práticas de educação sexual nas escolas começou no início do século XX, tendo como foco o controle epidemiológico. Na época, prevaleciam discursos que eram, em geral, repressivos, ancorados nos pressupostos da moral religiosa e reforçados pelo caráter higiênico das estratégias de saúde pública (FIGUEIRÓ, 2010; SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015).

Dentre as contribuições políticas que abordaram a temática, destacam-se os documentos produzidos a partir de conferências realizadas no Cairo e Pequim, na década de 1990, que atentaram para temas como direitos humanos, liberdade sexual, saúde e educação. Enfatizou-se a responsabilidade dos Estados em facilitar o acesso às informações relativas à saúde sexual e reprodutiva por meio de políticas públicas e desenvolver ações que abrangessem temáticas de planejamento familiar, métodos contraceptivos, aborto seguro (conforme a permissão do país), aconselhamento e serviços obstétricos (MORAES; VITALLE, 2015; TAQUETTE, 2013).

Segundo Figueiró (2001), há um alto nível de insegurança na comunidade escolar quando se trata de ministrar educação em sexualidade. Até porque muitas vezes não há formação acadêmica para essa área, ou seja, alguns cursos de graduação não oferecem a segurança de abordar esse tema em sala de aula e, além disso, há um forte sentimento de repressão da sociedade que, por tradição, ainda considera o sexo uma coisa promíscua e imoral, e por isso teme a alienação sexual das crianças, é totalmente contrário a orientação e esclarecimento da educação sexual. Sabe-se durante a ação de educação sexual, as perguntas que poderão surgir, garantem diferenças de conhecimento e, assim, promovem o respeito.

O Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirma que, durante o trabalho de orientação sexual, é necessário construir uma relação de confiança entre alunos e professores. Sendo que os professores devem ser capazes de conversar sobre as questões que são colocadas pelos alunos, ao invés de fazer juízos de valores. O parâmetro orienta que os professores façam perguntas de forma direta e esclarecedora sem o incômodo de impor as próprias opiniões. (BRASIL, 1997a)

Durante a adolescência, são essenciais as redes familiares onde os pais e/ou responsáveis podem enfatizar e orientar as crianças na sexualidade e educação reprodutiva e as esclarecer dúvidas. A educação sexual, como campo de conhecimento, precisa iniciar através da família, pois é a base para a formação da identidade sexual da criança ou do adolescente. (GONÇALVES *et al.*, 2013).

Takiuti (1997) defende que os adolescentes precisam dialogar, conversar, ouvir e expor suas dúvidas, opiniões, críticas e ideias em um ambiente marcado pela compreensão, carinho e respeito.

Portanto, é importante que os adolescentes tenham respostas para questões relacionadas à sexualidade e os riscos e não sejam julgados e vistos de forma preconceituosa. Como resultado, os adolescentes estarão preparados para o sexo seguro e cientes dos riscos e como cuidar de seus corpos. (GENZ *et al.*, 2017).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que as pesquisas realizadas para construção desse trabalho demonstraram que a educação sexual na adolescência não é um assunto ou matéria de obrigação nas grades escolares, pode-se perceber que este tema é de suma importância e necessita de olhares e avanço para que seja implementada da maneira correta nas escolas.

Da mesma forma em âmbito familiar, os estudos também demonstraram que nem todas as famílias sentem-se confortáveis em debater assuntos sexuais, havendo vergonha, medo devido as crenças. Nesse sentido, é importante que a escola possa responsabilizar-se quanto a propagação de conhecimento e explanação sobre a sexualidade, para que esse entendimento e aprendizado possa se multiplicar nas próximas geração.

Também foi levantado um assunto importante que é o caso das IST's, que são comuns em jovens que não tiveram acesso ao conhecimento sobre os usos corretos de métodos contraceptivos, e também a gravidez na adolescência, onde muitas jovens vieram a passar por essa fase, sem mesmo conhecer o próprio corpo e a forma de protegê-lo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla Campos Hidalgo de; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paulista de Enfermagem**, Toledo, v. 22, n. , p.71-76, fev. 2009. Trimestral. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002009000100012&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010321002009000100012&script=sci_arttext).

BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Art. 2, p1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%20%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm#:~:text=Art.%20%C2%BA%20Esta%20Lei%20disp%C3%B5e,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico).

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde, 1997.

DARC, Larissa. **Por que é importante falar sobre educação sexual nas escolas**. Disponível em: <https://ponte.org/por-que-e-importante-falar-de-educacao-sexual-nas-escolas/>. Acesso em 20 abr. 2022, 17H:27min.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estado de São Paulo, Marília, 2001.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual**: retomando uma proposta, um desafio. 3. ed. Londrina: Eduel, 2010.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro: Vozes, 2011a. p. 66-81.

GAVA, Thais; VILLELA, Wilza Vieira. Educação em sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 157-171, 2016.

Genz, N., Meincke, S. M. K., Carret, M. L. V., Corrêa, A. C. L.; Alvez, C. N. Doenças sexualmente transmissíveis: Conhecimento e comportamento sexual dos adolescentes. 2017.

GESSER, Marivete; OLTRAMARI, Leandro Castro; PANISSON, Gelson. Docência e concepções de sexualidade na educação básica. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 558-568, 2015.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Holos**, v. 5, p. 251-263, 2013.

LOPES, G.; MAIA, M. Desinformação sexual entre gestantes adolescentes de baixa renda. **Rev. Sexol.**, v. 2, n. 1, p. 30-33, jan./julho 1993.

MAIA, Carlos Colares et al. **Influência da cultura machista na educação dos filhos e na prevenção das doenças de transmissão sexual**: vozes de mães de adolescentes. 2013.

MOLICA, Júlio. **Educação sexual ainda é tabu no Brasil e adolescentes sofrem com a falta de informação**. Tv Globo, Recife, 27/06/2019 às 00h21. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2019/06/27/educacao-sexual-ainda-e-tabu-no-brasil-e-adolescentes-sofrem-com-a-falta-de-informacao.ghtml>

MORAES, Silvia Piedade de; VITALLE, Maria Sylvia de Souza. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência: interações ONU-Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 8, p. 2523-2531, 2015.

OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T.; PONTES, A. P. M.; SALGADO, L. P. P. Atitudes, sentimentos e imagens na representação social da sexualidade entre adolescentes. **Revista de Enfermagem**, v. 13, n. 4, p. 817-23, 2009.

PARKER, R.G. **Corpos, prazeres e paixões**: a cultura sexual no Brasil contemporâneo. São Paulo: Best Seller, 1991. 295p.

SFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015.

SOUZA, H. P. **Convivendo com seu sexo**: Pais e Professores. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1991.

SUPLYCI, M. **Conversando Sobre Sexo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

TAKIUTI, Albertina Duarte. A saúde da mulher adolescente. In: MADEIRA, Felicia Reicher (Org.). **Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil**. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 1997.

TAQUETTE, Stella R. Direitos sexuais e reprodutivos na adolescência. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 72-77, 2013.

TIBA, I. **Puberdade e adolescência**: desenvolvimento biopsicossocial. São Paulo: Ágora, 1986. 236p.

VIECELI, Leonardo. **Adolescentes diminuem uso de camisinha em relações sexuais, indica IBGE**. 13 de julho de 2022 às 10h00. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/07/adolescentes-diminuem-uso-de-camisinha-em-relacoes-sexuais-indica-ibge.shtml>